

A questão escabrosa na Itália

Falam anarquistas italianos

Os acontecimentos poderiam pôr sobre o tapete uma questão a resolver para os revolucionários: a atitude a tomar caso a Austria invadisse o território italiano.

Verdadeiramente, no actual estado de coisas, a hipótese é inverosímil. Das duas nações centrais beligerantes, a Austria é precisamente, por um complexo de razões, a que menos interesse tem em arranjar novos inimigos. A ideia de poder ela fazer guerra à Itália é inverosímil mesmo no caso de triunfarem a Alemanha e a Austria sobre os seus inimigos presentes: porque a Austria especialmente sairá da luta tam exausta de forças que nem sequer poderá pensar em nova agressão sucessiva.

Podemos, pois, com inteira tranquillidade dizer que a hipótese da agressão austriaca, da invasão do território nacional, é uma armadilha. Se se tornasse popular a ideia da defesa da pátria em perigo, não faltaria ás classes dirigentes e á monarchia, que querem a guerra, maneira de provocar, criar ou inventar um facto qualquer, graças ao qual se pudesse dizer que a Austria tinha agredido.

E ainda que faltasse um pretexto qualquer e não fôsse determinado facto positivo algum, saltaria a mentira da mesma forma. O governo proclamaria de improviso o estado de sitio, faria calar todas as vozes de opposição, militarizaria a propria imprensa e levaria o povo a acreditar que a Itália fora agredida, sendo os italianos obrigados a defender-se, embora isso não fosse absolutamente verdade.

Assim se fez em todas as outras nações. Nós, que estamos por enquanto fora da guerra europeia, podemos com certa segurança perceber quais foram os Estados agressores e quais os agredidos. Mas em cada nação convenceu-se o povo de que foi elle o agredido, ainda quando isso não era absolutamente verdade, como na Austria, na Alemanha e na Rússia.

Temos, pois a certeza de que, se na Itália o governo se persuadir de que a guerra, começada seja como e por que for, contra qualquer Estado, terá como consequência a guerra civil no interior, a guerra não estalará e não haverá agressão ou invasão nenhuma.

Mas admitamos ainda a inverosímil hipótese duma invasão austriaca na Itália.

Pelas opiniões manifestadas pelos vários partidos avançados, no meio das quais não faltam mesmo opiniões análogas de algum camarada nosso, bem percebemos que nós, os anarquistas, seríamos deixados sós ou quase na opposição á guerra. E como infelizmente não constituimos uma força capaz de pesar de modo preponderante sobre a vida da nação, contra todos os outros partidos e contra um estado de alma adverso bastante difundido, ver-nos-íamos bem mais reduzidos á impotência do que no tempo da guerra líbica.

Em tais condições, achar-nos-íamos ante um dilema infame, equivalente áquele diante do qual fôsse colocado um desgraçado que tivesse de escolher entre dois géneros de morte, cada qual pior.

Uma vez declarada a guerra, o seu termo significaria para nós, politicamente, ou tornarmo-nos escravos do governo austriaco ou ficarmos mais escravos do governo italiano. Só o acaso, o imprevisito nos poderia salvar de tal dilema.

A vitória da Itália reforçaria a monarchia, valorizaria enormemente o militarismo, criaria um nacionalismo forte que hoje não existe ou pouco menos, afastaria quem sabe lá por quanto tempo a revolução, esgotaria as forças do proletariado, enriqueceria o capitalismo á custa da fraqueza proletária interior, provocaria uma diminuição das liberdades públicas. Todas as guerras vitoriosas tem destas consequências.

Por outro lado, a vitória da Austria talvez atirasse de pernas para o ar a monarchia, mas em troca teríamos uma república reaccionária, como a que depois de Sedan assassiou a Comuna de Paris. Teríamos também com cer-

teza o proletariado exausto de forças, em proveito do capitalismo tudesco; o ódio aos vencedores alimentaria o desejo de desforra patriótica em prejuizo das ideias socialistas, a reacção seria mais forte, em virtude da chamada necessidade de concórdia nacional. Das consequências directas da derrota, disso então não falemos: pagamento de indemnizações e requisições, etc. E se uma parte qualquer do território nacional ficasse sujeito á Austria, isso significaria um redobramento de escravidão politica; a revolução social seria adiada para as calendas gregas, e só se poderia esperar uma revolução de carácter nacional, sem nenhuma vantagem directa para as nossas ideias e para o proletariado.

Entre estes dois abismos não somos de modo algum obrigados a escolher. Poderemos sofrer as consequências da triste situação, mas não devemos determiná-las e muito menos aceitá-las. E mesmo em tal caso não nos deve abandonar a esperança duma revolta feliz, seja qual for o tirano, italiano ou estrangeiro, que tivermos sobre o pescoço. Por isso convém que mesmo nessa desgraçada situação os revolucionários não percam de vista o depois, e portanto não se deixem com demasiada facilidade arrastar para que os ceifem os canhões austriacos, reservando a maior porção de forças possível para as eventualidades mais próximas. Deve-se impedir em todo caso que a monarchia, combatendo o seu inimigo externo, possa desfazer-se também dos inimigos internos.

Nunca nos esqueçamos de que os nossos inimigos são todos os governos e todo o capitalismo, tanto o império burguês austriaco como a monarchia burguesa italiana.

Só com uma condição nós, como homens de ideias, como revolucionários e anarquistas, poderíamos aceitar a tese da defesa do território italiano; isto é, com a condição de se tornar a Itália realmente o que hoje não é—a nossa pátria a pátria da revolução; unicamente se tivéssemos força para vencer antes e desembaraçar o território nacional dos inimigos internos, que não são para nós menos estrangeiros do que os inimigos externos.

Estamos certos de que nesse caso o povo italiano renovaria os heroísmos do povo francês de 1793, e venceria. Ao passo que duvidamos bastante da sua vitória sob o jugo da burguesia e da riezalez. Combatemos com fé sómente quando a batalha for também em defesa da classe operária e da revolução. Em defesa e ao lado da monarchia e do capitalismo, não, não e não!

(Voluntá 5 de Setembro de 1914).

VÁRIA

IV

O Czar

Ha não muito tempo, o Czar de todas as Russias, príncipe em outorgar—suprema irrisão!—cartas de alforria aos povos sob os seus vastos domínios, armou barraca de alfaqueque prometendo aos polacos completa autonomia em troca da sua ajuda no aniquilamento do Attila teutonico.

Já antes, numa proclamação, tinha decretado a liberdade de cultos em toda a Russia, sendo o ukase anunciado em todo o império. Hoje, num apelo que é um brado de angústia, Nicolau II, pondo á prova uma vez mais as suas nunca já mentidas qualidades altruisticas de um coração generoso e nobre, oferece aos Arménios não sabemos quantas concessões de liberdade em troca da sua entrada na confederação europeia a combater ao lado da Razão, da Justiça, do Direito, da Civilização, da Humanidade, ameaçadas pelo barbarismo de que o militarismo alemão tem dado inúmeras provas! Ignoramos o grau de entusiasmo ou de desconfiança com que os Arménios acolheram semelhante pretensão. Isso, porém, não importa para o nosso caso cujo unico fim é accentuar a desm-dida generosidade do Czar.

Sabeis quem é o visionario que tão extensamente fala de liberdade, de autonomia, de independência? Sim, sabeis: é de todos os chefes de estado o mais odiado, pelo seu despotismo inqualificável!

Este amante da liberdade, é o mesmo tirano que concedeu os officios que dirigem a chacina dos camponeses russos! E

o mesmo déspota que aplaudiu o massacre dos mineiros durante a greve na Companhia das Minas de Ouro, no Lena! E' o tirano que recebeu com júbilo a noticia de que os seus cossacos mataram os trabalhadores indefesos! E' o monstro dos monstros sociais que insulta o povo produtor falando-lhe da humanidade que elle odeia e que lhe repugna! E' este extenuo defensor do absolutismo que se atreve a falar aos povos que domina pelo terror uma linguagem elevada que nem elle comprehende, pois não faz sentido a Civilização defendida pelos cossacos!

O urso branco teme a aguiá negra! Que o povo se liberte destas monstruosidades fabulosas, arremessando-as para as profundezas da caverna malota que as gerou!

GIORDANO BRUNO

CONFERENCIA

Sob o tema, *A obra de Ferrer perante a paz universal*, realisa no proximo dia 10 do corrente na sede do Centro de Estudos Sociais Regeneração Humana, rua 5 de Abril, 14, r/c, uma conferencia o nosso camarada Joaquim Marçal.

Um comicio de protesto

Foi neste ultimo domingo que se effectuou o anunciado comicio de protesto contra a carestia da vida, contra a gananciosa e injusta especulação dos comerciantes e armazenistas.

O comicio effectuou-se em Coimbra, Gaia, sendo presidido pelo camarada Antonio Teixeira, secretariado pelos camaradas Frederico Guilherme Jobling e Cesar D. Almeida.

Expostos os fins do comicio, fizeram uso da palavra os camaradas Julio Ferreira Matos, Joaquim Gonçalves, David Oliveira, Maciel Barbosa, Aurélio Quintanilha, Manoel Joaquim de Souza e Serafim Cardoso Lucena, expondo todos a forma como os especuladores exploram o povo sem razão para isso aumentando aos géneros que tinham em casa já antes de principiar a guerra.

Vê-se que os gananciosos, não contentes com a já horrorosa miséria do povo trabalhador, o querem fazer neste momento sentir os efeitos da fome, e succumbir ás suas torturas. Que o povo trabalhador não espere por esse momento atroz, atuando duma forma energica contra todos esses gananciosos. Não deverá tambem o povo consentir que os senhorios os expulsem das casas quando eles não possam pagar a renda, visto o estado de desocupação em que se encontra, por causa da guerra fratricida que campeia neste momento em abono da alta burguesia e financeiros sendo o povo trabalhador sempre e sempre a eterna vitima e carne de canhão.

Foi tambem aprovada pelo povo a seguinte moção:

«O povo operario de Coimbra, reunido em comicio publico para tratar do problema da carestia da vida, considerando que em nada contribuiu para este estado de coisas; considerando que a actual guerra europeia é o producto da desenfreada cubice e ambição da casta financeira internacional, que mesmo em tempo de paz nos explora infamemente; considerando que a guerra por eles desencadeada ainda mais veiu agravar o nosso miseravel estado, aumentando extraordinariamente o preço dos géneros de primeira necessidade, e fazendo rarear o trabalho, deitando á rua milhares de trabalhadores; considerando que nestas condições é impossivel não só alimentarmos-nos a nós e ás nossas familias, mas tambem pagar a renda das casas.

Resolve: convidar o povo trabalhador a actuar energicamente, impondo-se pela força á classe dominante, afim de que e la sacrificando-se tambem como todos nós, contribua para a resolução da actual crise; aconselhar os trabalhadores a não pagar a renda aos senhorios quando a sua situação economica lh'o não permitir e organizar a resistencia para impedir que os senhorios expulsem de casa os que não possam pagar a renda.»

Encerrou-se o comicio, com grande entusiasmo e aplauso do povo, e aos gritos de, Abaixo a guerra! Abaixo os especuladores do povo! Abaixo os cauzadores da miséria proletaria!

Os Bagabundos

Peça em 1 acto por Alberto Baeta. Preço 120 reis. A' venda na «Bibliotéca da Vida».

Em volta do meu artigo 'O Padre,'

Os argumentos de D. Safira

Passemos á:

4.ª citação: *A moral de Jesus é toda ela divina.*

Basta ler-se o que já deixei transcrito para se ajuizar da divindade de tal moral...

5.ª citação: *A prática da religião assenta sobre esta duplice base—perdão e caridade.*

Eis, a seguir, algumas provas do que valem este perdão e esta caridade:

A matança dos huguenotes em 1572 feita sob a inspiração de Gregório XIII, papa sanguinario como tantos outros; mulheres arrancadas aos seus leitos, nuas, violentadas em presença de seus maridos ou de seus pais, arrastadas pelos sicários da cruz; crianças esquartejadas ou espetadas nas lanças como troféos; carnificina em toda a parte; em Paris, em Blois, em Tours, em Orléans, etc. Só em Paris cerca de 60.000 vítimas. Depois o papa mandou rezar missas, fazer procissões, cunhar moedas, tudo em acção de graças a Deus Vosso Senhor, não meu...

Temos tambem como prova de perdão e caridade os horrores da Inquisição que fez perto de 500.000 vítimas. A matança dos Cristãos Novos em Lisboa, em 1506, é tambem outra prova de perdão e caridade.

Os martírios e as torturas morais e físicas que a Santa Madre Igreja, cumprindo as ordens de Deus, Padre, Filho e Espirito Santo, fez sofrer a Antonio José da Silva, o Judeu, degolado e queimado em 1733, tambem constituem prova do tal perdão e da tal caridade evangélicas...

E mais... e mais... e muitas mais provas!... E' só ler a História!

6.ª citação: *Um Deus sinceramente adorado... consegue que todos os homens sejam irmãos.*

Como Deus Omnipotente consegue tornar irmãos todos os homens que nelle creem, tem-se visto...

Abraçamos a História e façamos a nossa colheita de exemplos desta Omnipotência que... nada pode...

Eles aí vão, os exemplos: Batalha de Aljubarrota em 1385 entre portugueses e castelhanos — todos acreditando em Deus e adorando-o sinceramente e amando-se... á chuçada!

Batalhas de Montijo, Elvas, Ameixal, Montes Claros entre portugueses e espanhóis sós ou entre portugueses e espanhóis com franceses, no século 17, todos rezando com fervor ao mesmo Deus e... espadeirando-se por amor!

Batalha de Worcester, no mesmo século, entre ingleses e... e... ingleses tambem! irmãos que crendo no mesmo Deus, se estimam de todo o coração... á lançada.

Guerras de Napoleão; isto é: povos á cacheirada, mas... adorando sinceramente o mesmo Deus!

Trafalgar em 1806: ingleses, franceses e espanhóis—tudo boa gente, tementes a Deus, mas... espafifando-se como bons irmãos em que Deus os tornou...

A actual guerra europeia: franceses, ingleses, belgas, sérvios, montenegrinos, russos, contra austro-hungaros e alemães, povos adoradores do mesmo Deus, nelle acreditando piamente, todos irmãos muito amigos, por virtude desse mesmo Deus que tudo pode, mas trocando cartas de amor sob a forma de granadas, bombas, obuzes, balas, torpêdos... Uma beleza de amizade e harmonia entre homens tendo o mesmo Ente Supremo, Criador do Ceo e da Terra, a fazê-los bons irmãos...

E mais, mais, mais exemplos!... O papel é que não chega: pois eles sobejam!

Mas por um lado os padres pregando-nos que Deus é um Ente de Bondade, de Perdão, de Caridade e que a sua religião, só por d' Deus vir, consegue estabelecer a paz entre os homens a quem torna irmãos bastando para isso que acreditem nelle sinceramente; e por outro os factos da História a desmentirem semelhantes virtudes do Ente Supremo, tal

antítese prova que esses padres isso fazendo, faltam á verdade e propagam o erro.

7.ª citação: *Cuiu a idolatria apenas a voz do Evangelho começou a ser annunciada aos homens: esta mesma voz fez cessar os sacrificios sanguinolentos e atrosos.*

Com effeito... a idolatria caiu... ficando de pé... A voz do Evangelho foi um ar que lhe deu... alento: pois que a religião cristã, baseada nos Evangelhos escritos, segundo se diz, pelos discipulos de Jesus (embora o mais antigo desses Evangelhos fosse feito uns 400 e tantos anos depois da morte do Salvador, como está provado pelos trabalhos de criticos competentes que posso citar por livros e páginas se a D. Safira quisér)... a religião cristã, dizia eu, adora hoje ídolos que ou são os das anteriores religiões com os nomes trocados por outros; ou são os que foram criados pela Igreja com o nome de Santos, santo este, santo aquele, etc., havendo a seguinte importante diferença a apontar: é que os santos, ídolos feitos de qualquer material terreno, como pedra, barro, gesso, pau, etc., são as imagens de pessoas falecidas que em vida nem sempre praticaram actos louváveis.

Estou a ver daqui D. Safira a sorrir-se com ar de dúvida desta minha afirmação; de maneira que... não ha remédio senão avivar-lhe a memória com algumas boas referencias destes varões.

Ora pois... vá saboreando, D. Castidade:

Por exemplo: S. Paulo tem relações carnisais com sua irmã casada!

S. Cirilo, depois de ter mandado esquartejar Hipatia quando ella prégava a filosofia e o amor pela virtude; e que se fizesse o morticínio dos judeus de Alexandria (de que elle era o patriarca) vem para o púlpito gabar-se da infâmia, fazendo a apologia de tais crimes. S. Felix, descrito por outro santo, S.º Atanázio, colega no mesmo officio, é, segundo este, um verdadeiro monstro. S. Canuto provocou, pelas suas infâmias, uma insurreição geral na Dinamarca. S. Domingos foi o torvo propagandista, o fanático exterminador dos albijenses, massacrado e queimado cerca de 60.000 desgraçados só em Beztiers. S. Luís condena ao suplício do ferro em braza os blasfemadores... mandando que lhes furem a língua.

Santo Inácio de Loyola é o fundador da nefasta Companhia de Jesus.

Quere mais, D. Jôia? Mas tenham os homens canonizados, sido todos ou não, uns monstros como os precedentes, o que é certo é que todos elles tem passado a vida ou entregues a um feroz egoismo vendo única e simplesmente as suas proprias pessoas, nada produzindo de útil; ou manifestando instintos de fera praticando as bestialidades mais horrosas como a História testemunha; ou passando a existência numa ociosidade abjecta, num fanatismo torpe, muitas vezes em meio da imundície mais repelente, desprezíveis, nojentos, bestifeitos; e em qualquer dos casos sempre negando a solidariedade com os outros homens.

Brutos, estúpidos, assassinos, devassos, ou maraus, eis os santos, os ídolos que a cristandade adora de beijo caído...

(Continua)

Jose' CARLOS DE SOUZA

O panfleto da actualidade

Os bastidores das guerras

POR PEDRO KRAPOTKINE

20 exemplares 48 centavos, 5 exemplares 12 centavos 1 exemplar 1 centavo

Pedidos á: A SEMENTEIRA

Cais do Sodré, 88 LISBOA